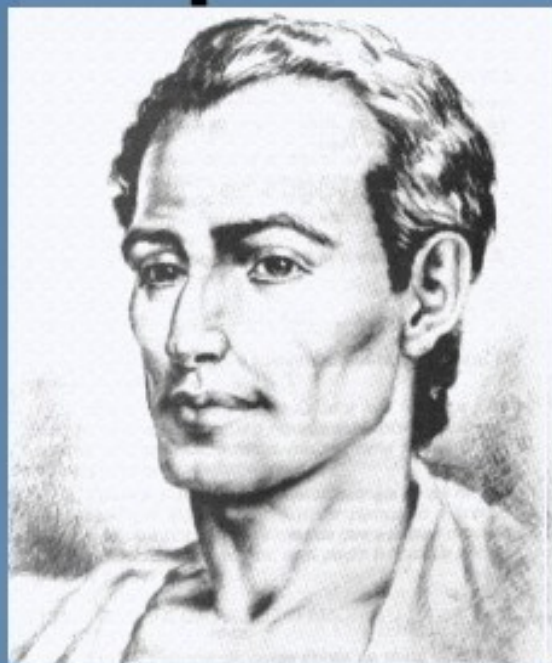


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO LIV – Jovens

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LIV)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LIV)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo LIV – Jovens	O Consolador	04
Complementos		
A educação e seu papel junto às crianças e aos jovens	O Consolador	06
A juventude é a fase das descobertas	O Consolador	08
O superjovem	O Consolador	10

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LIV)

Jovens Reunião pública 10/08/1959 Questão 218

No estudo das ideias inatas, pensemos nos jovens, que somam às tendências do passado as experiências recém-adquiridas.

Com exceção daqueles que renasceram submetidos à observação da patologia mental, todos vieram da estação infantil para o desempenho de nobre destino.

Entretanto, quantas ansiedades e quantas flagelações quase todos padecem, antes de se firmarem no porto seguro do dever a cumprir!...

Ao mapa de orientação respeitável que trazem das Esferas Superiores, a transparecer-lhes do sentimento, na forma de entusiasmos e sonhos juvenis, misturam-se as deformações da realidade terrestre que neles espera a redenção do futuro.

Muitos saem da meninice moralmente mutilados pelas mãos mercenárias a que foram confiados no berço, e outros tantos acordam no labirinto dos exemplos lamentáveis, partidos daqueles mesmos de quem contavam colher as diretrizes do aprimoramento interior.

Muitos são arremessados aos problemas da orfandade, quando mais necessitavam de apoio amigo, junto de outros que transitam na Terra, à feição das aves de ninho desfeito, largados, sem rumo, à tempestade das paixões subalternas.

Alguns deles, revoltados contra o lodo que se lhes atira à esperança, descem aos mais sombrios volutabros do crime, enquanto outros muitos, fatigados de miséria, se refugiam em prostíbulos dourados para morrerem na condição de náufragos da noite.

Pede-se lhes o porvir, e arruína-se lhes o presente.

Engrinalda-se-lhes a forma, e perverte-se-lhes a consciência.

Ensina-se-lhes o verbo aprimorado em labor acadêmico, e dá-se lhes na intimidade a palavra degradada em baixo calão.

Ergue-se-lhes o ideal à beleza da virtude, e zomba-se deles toda vez que não se revelem por tipos acabados de animalidade inferior.

Fala-se-lhes de glorificação do caráter, e afoga-se lhes a alma no delírio do álcool ou na frustração dos entorpecentes. Administra-se-lhes abandono, e critica-se-lhes a conduta.

Não condenes a mocidade, sempre que a vejas dementada ou inconsequente.

Cada menino e moço no mundo é um plano da Sabedoria Divina para serviço à Humanidade, e todo menino e moço transviado é um plano da Sabedoria Divina que a Humanidade corrompeu ou deslustrou.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LIV)

Recebamos os jovens de qualquer procedência por nossos próprios filhos, estimulando neles o amor ao trabalho e a iniciativa da educação.

Diante de todos os que começam a luta, a senha será sempre — “velar e compreender” —, a fim de que saibamos semear e construir, porque, em todos os tempos, onde a juventude é desamparada, a vida perece.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LIV)

A educação e seu papel junto às crianças e aos jovens

Cairbar Schutel levava para sua casa os enfermos sem teto que chegavam a Matão (SP) e deles cuidava com o amor e a dedicação que já se tornaram conhecidos dos espíritas.

Quando, porém, percebia que a pessoa não teria condições de se recuperar da enfermidade, ele a preparava para essa transição que tanta gente teme e que conhecemos com o nome de morte.

A existência de um Pai justo e misericordioso, a continuidade da vida, a imortalidade da alma, as vidas sucessivas, as condições de vida no plano espiritual, eis temas que certamente o notável apóstolo explanava ante os olhos atentos e esperançosos dos seus tutelados, preparando-os para essa etapa nova que tem início com a morte do corpo.

O Codificador do Espiritismo referiu-se certa vez a esse assunto quando explicou por que devemos falar de Espiritismo aos mais velhos. E disse que a finalidade de tal conversa era exatamente fazer o que Cairbar faria mais tarde, e tão bem, na pequenina cidade de Matão.

No mesmo texto, Kardec explicou também por que devemos falar de Espiritismo aos mais novos, afirmando que o objetivo de se tratar do assunto com as crianças é prepará-las para a vida e fornecer-lhes subsídios importantes para que consigam cumprir na Crosta o que foi planejado no plano espiritual.

A lembrança deste assunto veio-nos à mente ao lermos o texto que Cláudia Werdine escreveu na edição passada a propósito do seu encontro com os jovens espíritas da Holanda.

Assistimos hoje, não apenas na Europa, mas certamente no mundo todo, a uma juventude aparvalhada, cuja desorientação decorre de uma série de fatores, dentre os quais a questão da educação tem de ser posta em primeiro lugar.

A vida, conforme bela imagem usada por Emmanuel pode ser comparada a uma longa jornada. O que chamamos de juventude equivaleria à saída de um barco, que vai enfrentar todas as intempéries e vicissitudes inerentes a uma demorada viagem. A velhice corresponderia à chegada do barco ao porto.

E a infância? A infância, conforme palavras usadas por Emmanuel seria a fase da preparação, em que marinheiros experientes cuidariam para que, quando chegar o momento, os infantes tenham condições de conduzir o barco até o seu destino.

Falta, evidentemente, aos pais do mundo em que vivemos um conhecimento mais profundo acerca destas coisas.

É preciso que eles entendam que nossos filhos são velhos conhecidos que voltam ao cenário terrestre para dar continuidade a projetos inacabados, reparando os equívocos cometidos, consertando as bobagens praticadas e buscando edificar um mundo novo em que a felicidade de uns não dependa da desgraça dos outros.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LIV)

Seria importante também que eles soubessem por que nascemos, por que vivemos qual o objetivo de nossa estada aqui, uma vez que, cientes disso, poderiam realizar com mais eficiência e talento o papel que lhes compete, como educadores que são daqueles que Deus lhes confiou na presente existência.

Santo Agostinho (Espírito), dirigindo-se aos homens da Terra, pediu certa vez que compreendêssemos que, quando produzimos um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir, e que é preciso pôr todo o nosso amor em aproximar de Deus essa alma. Essa a missão que nos está confiada e cuja recompensa receberemos se fielmente a cumprirmos.

Lembremo-nos – aduziu o mesmo Espírito – de que a cada pai e a cada mãe perguntará Deus: Que fizestes do filho confiado a vossa guarda? Se por culpa vossa ele se conservou atrasado, tereis como castigo vê-lo entre os Espíritos sofredores, quando de vós dependia que fosse ditoso. Então, vós mesmos, assediados de remorsos, pedireis vos seja concedido reparar a vossa falta; solicitareis, para vós e para ele, outra encarnação em que o cerqueis de melhores cuidados e em que ele, cheio de reconhecimento, vos retribuirá com o seu amor. (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XIV, item 9.).

Editorial, A educação e seu papel junto às crianças e aos jovens.

– O Consolador – Nº 127 – 04/10/2009

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LIV)

A juventude é a fase das descobertas

Como ninguém ignora, a juventude é, de fato, a fase das descobertas. São dúvidas que surgem, anseios, receios e incessantes buscas que permeiam a caminhada do jovem. No mundo contemporâneo, então, a enxurrada de informações e estímulos provenientes do avanço tecnológico e da globalização aguçam ainda mais os sentidos desses Espíritos que estão desabrochando para a vida. Imerso em novidades e o insofismável desejo de descobrir e descobrir-se, o jovem, como é próprio dessa fase de descobertas, é um curioso e, naturalmente, está ansioso para encontrar o seu caminho.

Eis, pois, que a curiosidade pode funcionar como uma armadilha se não está alicerçada sobre as bases de uma formação moral consistente. Muitos são aqueles que se arvoram em direção aos vícios de todos os naipes para saciar uma curiosidade desajustada. Poderiam ser magníficos construtores de uma sociedade melhor, no entanto, tornam-se problema constante para a família, porquanto nadam contra a maré das leis que regem a vida, porque faltou a orientação correta na maravilhosa fase da juventude.

Como, então, lidar com a impetuosidade da juventude de maneira eficaz, sem podar-lhes a iniciativa, cuidando para que andem em direção à senda do progresso como Espíritos imortais que são? Como criar campo propício para que o jovem de hoje, transforme-se no adulto consciente do amanhã?

Uma das respostas indubitavelmente é proporcionar-lhes uma formação moral e ética de qualidade. E nesse mister imperioso destacar os trabalhos desenvolvidos pelas mocidades espíritas, autênticos portos seguros de instrução e consolo que refletem o farol do conhecimento emanado pela doutrina codificada por Allan Kardec. Conhecedor das lições trazidas pela espiritualidade, certamente os desafios do jovem serão encarados com outros olhos, que o farão enxergar a vida e seus acontecimentos sob outro prisma, muito mais amplo e abrangente.

No Estado de São Paulo, por exemplo, a coordenação da mocidade espírita é dividida em 4 assessorias, a fim de poder atender com qualidade a demanda constante de jovens que aportam com seu barco existencial nos centros espíritas.

Os jovens responsáveis pela mocidade no estado de São Paulo, aliás, vêm desempenhando significativo papel, assumindo responsabilidades, organizando eventos, traçando metas e, sobretudo, sonhando e trabalhando para a construção de um mundo melhor, renovado pela fulgurante ideia do Cristo que exemplificou o amor por tudo e todos.

São realizados diversos encontros regionais e estaduais com o intuito de unificar corações e ideais. A propósito, em abril de 2011 ocorreu a COMJESP e a juventude espírita de todo o Estado esteve com suas atenções voltadas para a cidade de Guarulhos, que sediou o evento. Vale destacar, também, que todo acontecimento tem sua origem em reuniões, empenho, dedicação, ideias e esforço do conjunto. Com os jovens não é diferente. Para que ocorram eventos como COMJESP e COMENOESP, são necessárias inúmeras reuniões e um trabalho coeso.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LIV)

Percebe-se, portanto, que a marca registrada desses jovens é a união; mas uma união de fato, de espírito, comprovada principalmente na recepção daqueles que debutam na mocidade espírita. A juventude espírita sabe receber com extrema simplicidade e carinho, e os debutantes em mocidade espírita sentem-se à vontade ao chegarem ao centro espírita, livres das amarras dos constrangimentos que, não raro, ceifam no início relações que poderiam ser promissoras se alimentadas pela cordialidade, dileta filha da amizade.

Lembrar a transitoriedade da existência humana é fundamental para valorizar a juventude. Muitos coordenadores do movimento espírita hoje passaram pela mocidade ontem. Muitos coordenadores da mocidade espírita hoje coordenarão outras atividades amanhã. Tudo é transitório e se faz imperioso preparar caminhos. Os jovens preparam o terreno para os mais novos e os demais coordenadores trabalham para que o jovem de hoje assuma amanhã. Como podemos notar, trata-se de UNIR OS CORAÇÕES em torno das lições de Jesus.

Valorizar as atividades da mocidade espírita é, portanto, nobre incumbência do movimento espírita para que a juventude desabroche para a vida com valores morais e éticos bem fundamentados, de modo que possam ser multiplicadores do Bem na Terra, construindo um mundo melhor, mais fraterno e equilibrado.

Acompanhemos os jovens, valorizemos seus esforços, dediquemos atenção às suas atividades, prestigiando os eventos por eles organizados, porque atuando unidos atingiremos os objetivos de unificação do movimento espírita, que redundará em bênçãos inenarráveis para a humanidade tão carente da sublime mensagem de Jesus.

Wellington Balbo, A juventude é a fase das descobertas.

– O Consolador – Nº 208 – 08/05/2011

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LIV)

O superjovem

Em relação à geração de jovens atual, a chamada por alguns estudiosos de geração “Y”, os ditos adultos guardam uma relação um tanto contraditória. Por um lado, endeusamos os jovens pelos seus prodígios na informática e pela sua habilidade de transitar no mundo da informação, trazendo em si a geração nova, que pelo mito da tecnologia transformará o mundo em um lugar próspero e justo.

Da mesma forma, no mundo louco e perigoso que nos encontramos, onde por força dessa mesma tecnologia não conseguimos nos esconder dos males ocorridos aqui ou na China, tutelamos essa mesma juventude, trocando sua autonomia por conforto, excluindo-os de processos decisórios, das tentativas de fazer e de ser sujeito, restringindo-os ao seu mundo virtual que não conseguimos entender, como uma esfinge a nos desafiar.

Assim, seguimos com jovens estimulados a não quererem crescer, ampliando os limites superiores e inferiores do que entendemos por juventude, ao mesmo tempo, lastreados por adultos de um mundo que, pela sua estabilidade social e pela valorização do consumo, não permitiu rupturas, mantendo suas referências culturais e sociais nas décadas de 70 a 90, afastando novas referências criadas pelos jovens, em uma época de releituras e novas roupagens.

Esse curioso cenário, do endeusado e tutelado, tem seus reflexos em diversos campos da vivência da juventude, inclusive no ambiente religioso. A postura de enxergar o superjovem, mas, ao mesmo tempo, o jovem bibelô, que não pode fazer nada, mas que sabe tudo (ainda que superficialmente), nos leva a inibir o que de mais tenro tem a juventude, que é a sua capacidade de promover mudanças pelas suas próprias mãos.

A juventude na casa espírita é aquele grupo sonhador, que luta pela sua autonomia, no exercício da construção de espaços, no microcosmo que é uma mocidade espírita, que canta, estuda, trabalha dentro de seu mundo, para se preparar para ser no futuro o agente daquele mesmo mundo. Não é só fazer, a juventude espírita é um reinventar e experimentar fazer as mesmas coisas de novas maneiras, se afirmando e se construindo, como ator principal.

Essa vivência protagonista da juventude de querer fazer e nesse processo errar e acertar é o que forja o espírita que aquele adulto será. As práticas na juventude espírita burilam valores, apontam ideais e constroem referências. E para isso, é preciso ousar, é preciso mudar e também aprender, equilibrando a sabedoria da tradição e os benefícios da inovação, em uma arte conhecida por poucos.

Entretanto, vivemos uma época de inovação da tecnologia, de vivência em mundos virtuais, e ainda de uma geração madura, hoje no papel de adultos, que construiu parte do mundo como é hoje e que se vê como protetora incondicional da nova geração, impedindo esta de fazer, errar, decidir e sofrer.

Do lado jovem, o consumo e o prazer suplantaram o ideal, substituído pelo desejo de criar uma empresa no fundo de quintal para vender programas inovadores e faturar um milhão. O chamamento do individualismo, a competitividade e o apego aos bens materiais apresenta-

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LIV)

se ao jovem de forma ostensiva, abalando valores e crenças. Os rankings virtuais, os realities shows e o jogo de máscaras fazem da juventude um duelo de subterfúgios, no qual se cria uma fobia indescritível do processo de crescimento e de abominação do futuro.

Essa combinação explosiva, obviamente uma generalização que ignora experiências salutares encontradas no mundo concreto, nos alerta como membros da geração madura sobre se estamos realmente incentivando a geração mais nova a crescer. E crescer implica em limites, em desafios e até em lidar com as frustrações. Estaremos realmente preparando esses jovens para serem os trabalhadores de amanhã da casa espírita ou queremos que eles sejam o trabalhador que nós somos, herdeiros de nosso trabalho?

Essa reflexão é oportuna no nosso movimento. Já não lutamos mais contra o preconceito e para sermos aceitos na sociedade. Já não precisamos de livros impressos para obter o conhecimento espírita. A luta da implantação, da difusão, da relação com as questões sociais se faz apagada diante do livro novidade do mês, da palestra show e do show de música espírita. Ficamos padronizados em um mundo pasteurizado. E para o jovem, restou reproduzir aquele espaço, sob a tutela vigilante dos mais velhos, em um burocrático arranjo de tarefas no contexto da casa.

Criar, inovar, esse privilégio restou ao jovem apenas no ambiente virtual. Coube a ele esse santuário, onde ele muda de identidade, lança protestos e vive, fugindo das agruras de crescer e enfrentar esse desafio, vivendo à margem do mundo que o admira, mas o tolhe em suas potencialidades.

A verdade é que os jovens de hoje são tão jovens como nós fomos. Sem tirar nem pôr. Tem os mesmos sonhos, as mesmas necessidades, a mesma demanda por cavar seu lugar no mundo social, inclusive na casa espírita. Não façamos do jovem a mitificação que fazemos da tecnologia. Entretanto, esses mesmos jovens se veem segregados no gueto virtual, vendo seus sonhos deslocados para desejos individualistas, sem encontrar lugar para a vivência no coletivo.

Termino essa reflexão pensando o que queremos do movimento espírita daqui a 20 anos. Ficar se lamentando que o jovem não tem interesse ou formatá-lo pelo medo de errar são posturas que somente reforçam essa situação. É preciso enxergar o jovem como jovem, e ajudá-lo a encontrar o verdadeiro sentido da juventude, e de como o Espiritismo pode ser uma oficina escola de crescimento, de inovação e de renovação.

Marcus Vinícius de Azevedo Braga, O superjovem

– O Consolador – Nº 308 – 21/04/2013.